



Bolsa de Valores de Moçambique vai aumentar para 17 empresas cotadas este ano

- garante Pedro Cossa, PCA da BVM

02



“Queremos levar o turismo moçambicano a novas fronteiras”

- afirma Dado Gulamhussen

04



Moeda electrónica digital impulsiona inclusão financeira em Moçambique

05



CIP propõe diálogo tripartido para responder à demanda no mercado financeiro

06

PROMOVENDO E DESENVOLVENDO NEGÓCIOS

Bolsa de Valores de Moçambique vai aumentar para 17 empresas cotadas este ano

- garante Pedro Cossa, PCA da BVM



Pedro Cossa

PCA da BVM

Carla Louveira

Ministra das Finanças

A Bolsa de Valores de Moçambique (BVM) vai aumentar ainda este ano o número de empresas cotadas para 17, avançando com o plano estratégico que visa alcançar pelo menos 30 até 2028, garantiu a instituição.

“Espera-se novas empresas e acredito que teremos. Em breve serão convidados a conhecer mais uma nova empresa que vai entrar na bolsa de valores”, disse o presidente do conselho de administração da Bolsa de Valores de Moçambique, Pedro Cossa, falando à margem do lançamento, na capital moçambicana, da nova identidade visual da BVM, assegurando que a empresa trabalha para alcançar as metas do Plano Estratégico da Bolsa para o período 2024-2028, entre as quais passar das atuais 16 empresas cotadas para 30 até 2028.

Pedro Cossa revelou ainda que a BVM está a desenvolver uma infra-estrutura tecnológica para assegurar novos sistemas de negociação de compra e venda de títulos de valores mobiliários e permitir mais mecanismos de financiamento a projectos.

“O moçambicano deve ter acesso ao mercado da bolsa com maior facilidade, temos que desmistificar a ideia de que a bolsa é para elite, temos que desmistificar este sentido que se dá à bolsa de valores através da disponibilização das plataformas da bolsa nos telemóveis dos moçambicanos”, disse o presidente da BVM.

“Um novo sistema de negociação, um novo sistema para centrar o valor de mobiliários, e esse sistema estará devidamente conectado não só com oper-

adores de bolsa em Moçambique, mas também com outras bolsas de valor da região através da interconectividade das bolsas de valor, que é um projecto da região da Comunidade para o Desenvolvimento da África Austral- SADC e da União Africana que queremos fazer parte”, acrescentou.

Este novo sistema de negociação que está a ser projectado faz parte do plano estratégico da BVM 2024-2028, que assenta em cinco pilares, incluindo a dinamização dos mercados accionista e obrigacionista, a modernização tecnológica e o desenvolvimento e comercialização de novos produtos, serviços e instrumentos financeiros.

O Futuro da BVM, S.A., molda-se Agora

Pretendemos ser uma praça financeira relevante ao nível regional,
com produtos e serviços atractivos e inovadores.



www.bvm.co.mz



“Queremos levar o turismo moçambicano a novas fronteiras” - afirma Dado Gulamhussen

O portal de notícias Profile Mozambique publicou a 16 de Julho passado uma entrevista concedida pelo empresário Dado Gulamhussen, gestor do Grupo VIP Hotels e Vogal do Conselho de Gerência da Associação de Comércio Indústria e Serviços (ACIS), cujo pano de fundo foi o desempenho do sector do turismo em Moçambique. Acompanhe a seguir a visão de Gulamhussen sobre o turismo e a contribuição do Grupo VIP.



Dado Gulamhussen
Grupo VIP Hotels

Profile Mozambique: Conte-nos um pouco sobre o seu percurso profissional, o que o trouxe ao sector hoteleiro em Moçambique e, em particular, ao VIP Hotels?

Gulamhussen: Chamo-me Gulamhussen, embora seja mais conhecido por Dado. Nasci em Pemba há 41 anos. A minha infância foi vivida entre Maputo e Pemba e desde cedo tive interesse pela área do turismo. Em Moçambique, o grupo está presente desde 2002, ano em que foi inaugurado o VIP Grand Maputo. Passados 23 anos, contamos actualmente com quatro unidades hoteleiras no país, somando cerca de 660 quartos, o que faz do VIP Hotels um dos maiores grupos hoteleiros nacionais em termos de capacidade instalada. Temos ainda um plano de expansão ambicioso para levar a marca a outras províncias e cidades do país.

A maior parte da minha carreira profissional está directamente ligada à história do Grupo VIP Hotels, que nasceu em Portugal em 1978 fruto da migração de muitas famílias, incluindo a minha.

Sendo um negócio de cariz familiar, escolhi formar-me em Administração de Empresas e Turismo para dar continuidade a este projecto, que abracei desde cedo.

PM: Quais foram os principais desafios que o Grupo VIP tem enfrentado no mercado moçambicano?

Gulamhussen: Os desafios têm sido constantes, especialmente num mercado como o moçambicano, onde tudo exige maior esforço no arranque. Nos últimos 23 anos, o percurso do VIP Hotels teve momentos de franco crescimento, seguidos de fases mais difíceis, marcadas por adversidades socioeconómicas.

Entre os principais obstáculos enfrentados, destaco o período de instabilidade em 2011-2012, os impactos das dívidas ocultas, a pandemia de COVID-19 e, mais recentemente, as manifestações que afectaram o país.

Perante este contexto, tornou-se es-

sencial cultivar resiliência e capacidade de adaptação para garantir que o grupo continua a servir com qualidade e a manter-se competitivo no mercado.

PM: Como define a estratégia de crescimento do VIP Hotels em Moçambique? Há planos de expansão para outras regiões como Beira, Tete ou Nampula?

Gulamhussen: Actualmente, o VIP Hotels conta com quatro unidades em Moçambique: duas em Maputo, incluindo o VIP Suites, um apart-hotel localizado na Machava, e ainda hotéis nas cidades da Beira e de Tete.

Relativamente à estratégia de crescimento, temos projectos de expansão previstos para novas localizações como Pemba, Nacala, Nampula, Lichinga e Quelimane, além de uma unidade na Zona Sul, em Inhambane, focada no segmento de resorts. Também equacionamos reforçar a presença na Beira. No entanto, sublinho que o avanço destes investimentos está directamente condicionado pela evolução do contexto político, social e económico do país, assim como pelos reflexos de fenómenos internacionais que acabam por impactar o mercado interno. Por isso, acompanhamos de perto os indicadores e realizamos análises de viabilidade para determinar o momento mais adequado para retomar e concretizar estes projectos de expansão.

PM: Como equilibra o investimento em inovação com a manutenção de qualidade de serviço e conforto para o hóspede?

Gulamhussen: A indústria do turismo, e em particular a hotelaria, está em constante reinvenção, acompanhando tendências que privilegiam cada vez mais o digital e a automatização de processos, como por exemplo o self check-in, que já é prática em várias partes do mundo.

No contexto de Moçambique, reconhecemos que existem limitações legislativas, regulamentares e estruturais que condicionam a adopção imediata

dessas soluções. Ainda assim, temos procurado adaptar-nos progressivamente, introduzindo melhorias que reforcem a interacção do hóspede com os nossos serviços e assegurem padrões consistentes de qualidade e conforto.

Com mais de duas décadas de actividade no sector, acreditamos que o futuro da hotelaria nacional passará inevitavelmente por integrar essas novas tecnologias, ajustando-as à realidade local, de forma a manter o compromisso de bem-servir e posicionar Moçambique como destino competitivo no panorama internacional.

PM: Como avalia a evolução do turismo de negócios no país, e que impacto tiveram factores como o surgimento de novas plataformas digitais e a escassez de divisas no desempenho do sector hoteleiro?

Gulamhussen: Durante muitos anos, o turismo de negócios foi o motor do sector hoteleiro nas principais cidades moçambicanas, sustentado por grandes infraestruturas com capacidade para acolher conferências, reuniões e eventos corporativos.

Contudo, este cenário começou a mudar com a sucessão de adversidades, desde a pandemia da Covid-19, que popularizou plataformas de reuniões online como Zoom ou Teams, até ao surgimento de novas tendências globais, como o Airbnb, alojamento local e guesthouses, que passaram a concorrer directamente com as grandes cadeias.

Apesar destes desafios, acredito que há espaço para todos, desde que haja maior diversificação da oferta, regulamentação e fiscalização adequadas para o sector. Por outro lado, a insuficiência de divisas representa hoje um problema transversal, afecta as companhias aéreas, encarece bilhetes e reduz a vinda de turistas e investidores. Este efeito em cadeia acaba por atingir toda a cadeia de valor, hotéis, restaurantes, transportes e guias turísticos.

PM: Na sua perspectiva, qual deve ser o papel do empresariado nacional na promoção do desenvolvimento sustentável e na afirmação do país como destino económico e turístico?

Gulamhussen: Participo activamente em várias estruturas ligadas ao sector, como a CTA e a Associação dos Hotéis, porque acredito que cabe a todos nós trabalhar para valorizar e divulgar as potencialidades que Moçambique oferece, seja nos recursos naturais, minerais, agrícolas, na logística, nas infraestruturas ou no turismo, sectores

que têm um enorme peso no nosso potencial de exportação.

Tem havido um esforço conjunto, tanto do governo como do sector privado, para mostrar estas oportunidades ao mundo, nomeadamente através de feiras e conferências internacionais. É um processo que requer compromisso, planeamento e visão estratégica de longo prazo para produzir resultados sustentáveis.

Moeda electrónica digital impulsiona inclusão financeira em Moçambique



Foi lançada a 6 de Agosto, em Maputo, a Estratégia Nacional de Inclusão Financeira (ENIF) 2025-2031, que visa assegurar o acesso e uso dos produtos e serviços financeiros de qualidade e acessíveis, através do conhecimento, confiança e segurança contribuindo para o crescimento económico sustentável e inclusivo e o bem-estar da população moçambicana.

Na ocasião, a Ministra das Finanças, Carla Louveira, disse que o documento surge na sequência da ENIF 2016-2022, representando não apenas o início de uma nova etapa, mas também a consolidação de um ciclo que lançou as bases fundamentais para a inclusão financeira em Moçambique.

“A nova ENIF 2025-2031, assente em quatro pilares, quer expandir o acesso aos produtos financeiros através da multiplicação de pontos de acesso e de serviços financeiros digitais, incluindo a promoção de pagamentos digitais, mel-

horia do acesso ao crédito, criação de clima favorável para o investimento, a expansão dos seguros e do financiamento verde,” garantiu Carla Louveira.

A Ministra das Finanças avançou igualmente que durante a implementação da ENIF 2016-2022, testemunhou-se avanços significativos, impulsionados pelo esforço coordenado do Governo, do Sector Financeiro e Parceiros de Desenvolvimento. “Por isso, gostaria de expressar o meu reconhecimento a todos os sectores, que contribuíram de forma activa para o alcance dos resultados da primeira ENIF, que são visíveis, encorajadores e ajudam-nos a perspectivar melhor o futuro,” enfatizou a dirigente.

Para o Governador do Banco de Moçambique (BdM), Rogério Zandamela, a ENIF 2025-2031, abre um novo capítulo na construção de um sistema financeiro mais justo, inclusivo e resiliente. O timoneiro do banco central, garantiu que a ENIF 2025-2031, prevê uma estrutura

de coordenação reformulada e mais funcional, através de um Comité Nacional de Inclusão Financeira (CNIF), que será o órgão central de governação, liderado pelo BdM e o Instituto de Supervisão de Seguros de Moçambique (ISSM), com a participação de instituições-chave, tendo como notas de destaque, o aumento para 60% da percentagem da população adulta com uma conta bancária, a elevação de 20% para 30% da proporção de população adulta com acesso a crédito formal, a garantia de que 70% da população rural tenha uma conta de moeda electrónica, dos actuais 53%, o aumento de 17% para 31% da percentagem da população adulta com acesso a produtos de seguro, a ampliação de 14% para 27% a população adulta abrangida por regimes de pensões, a promoção da poupança formal, passando de 19% para 35% envolvendo activamente mulheres, jovens, idosos e pessoas com deficiência, sublinhou.

Escassez de divisas no país CIP propõe diálogo tripartido para responder à demanda no mercado financeiro



O Centro de Integridade Pública (CIP), uma organização da sociedade civil moçambicana, com objectivo de promover a integridade na esfera pública através da denúncia de irregularidades, defende o fortalecimento de um diálogo entre o Banco de Moçambique (BM), bancos comerciais e outros agentes económicos para uma solução conjunta dos problemas do sistema financeiro, caracterizados pela escassez de divisas no país.

A posição foi apresentada pelo director executivo do CIP, Edson Cortez, durante a apresentação do relatório preliminar dos resultados da pesquisa sobre escassez de divisas em Moçambique.

Segundo Cortez, o diálogo entre o governador do Banco de Moçambique, bancos comerciais e agentes económicos pode aliviar o mercado financeiro nacional.

“Se o governador do Banco de Moçambique e os gestores seniores dos bancos sentarem, como pessoas, eventualmente possam mudar algum dos seus dogmas e a forma de agir”, defendeu.

“Isso é um facto, então estamos perante um facto. Não vamos querer, temos que ser pragmáticos. É preciso negociar, é preciso saber lidar com o problema que temos, de modo a que possamos ter uma solução que seja viável para todas as partes”, acrescentou Cor-

tez.

O relatório recomenda para que haja um fortalecimento na produção nacional e promoção de alternativas de captação de divisas, para que se possa resolver a causa do problema e não apenas os sintomas.

Segundo Cortez, se a escassez de divisas prevalecer poderá influenciar negativamente na arrecadação de dinheiro pela autoridade tributária.

“Mas o governador do Banco de Moçambique também tem que ser razoável, não é que ele possa querer e mandar. O país está parado. Se a economia pára, a autoridade tributária não tem como arrecadar dinheiro”, sustentou.

Realçou ainda que, se não arrecadar dinheiro, o Estado não tem possibilidade de pagar serviços, pagar salários dos funcionários públicos, pagar a construção de hospitais, de infra-estruturas. “Então, é preciso deixar que os actores deixem de ter um olhar simplesmente para o Banco de Moçambique e para as funções que ocupam, e principalmente porque ocupam cargos estruturais”.

O director executivo do CIP, acrescentou que a situação poderá também abrir espaço para o branqueamento de capitais e lavagem de dinheiro.

“Isso deixa um aviso à navegação, porque, para além de termos o problema de estrangulamentos para os operadores comerciais e empresas, o que inviabiliza a economia, estamos perante um problema de branqueamento de capitais. Ninguém sabe onde é que ganha o dinheiro, como o dinheiro circula e essa disponibilidade de dinheiro. Isso significa que, eventualmente, todo o esforço que Moçambique possa estar a fazer para sair da lista cinzenta, há algumas zonas de penumbra, há algumas novas oportunidades de branqueamento de capitais e lavagem de dinheiro”, disse.

Por seu turno, o presidente da Associação dos Importadores Informais, vulgarmente conhecidos como Mukheristas, Sudecar Novela, reitera o reforço de um diálogo tripartido para solucionar o desafio enfrentado pelos operadores do comércio transfronteiriço.

“Mas também é preciso, de facto, que se reforce o diálogo tripartido. Banco de Moçambique, bancos comerciais e os agentes económicos, para ver se, no mais curto trecho, se possa ultrapassar este problema”, sugeriu.

“A nossa preocupação é mesmo de ser, de termos que pagar o preço mais alto na compra de divisas. Portanto, esta é a realidade que nós, operadores do comércio transfronteiriço, estamos a viver”, explicou Novela.



NOVO BANCO.
NOVAS IDEIAS.



SOCIETE GENERALE
MOÇAMBIQUE

Moza Banco lança linha de 10 milhões de euros para empoderamento feminino



Manuel Soares

PCE do Moza Banco

O Moza Banco anunciou no passado dia 28 de Agosto, em Maputo, a criação de uma Linha de Financiamento de 10 milhões de euros, destinada exclusivamente a potenciar negócios liderados por mulheres e a apoiar iniciativas de geração de renda com enfoque no empoderamento feminino.

A iniciativa, designada Linha BEI, resulta de uma parceria estratégica com o Banco Europeu de Investimentos (BEI) e visa reforçar a inclusão financeira, fomentar a igualdade de género e ampliar a participação das mulheres nos processos de desenvolvimento económico do país.

Durante a cerimónia de lançamento, o Presidente da Comissão Executiva do Moza Banco, Munuel Soares, sublinhou a relevância desta medida num contexto em que o acesso ao crédito continua a ser um dos principais obstáculos para o crescimento de empreendedoras nacionais.

“Quando surgiu esta oportunidade junto do Banco Europeu entendemos que era o momento de contratar essa linha e poder dar esse apoio para o empoderamento das mulheres. O empreendedorismo feminino é um factor crítico para o sucesso do país e transformação para os próximos anos”, afirmou Soares.

O gestor realçou ainda que as mulheres têm “estatísticas impressionantes na gestão de negócios” e demonstram maior resiliência no ambiente empresarial.

Segundo Soares, a Linha BEI destina-se ao apoio de tesouraria e investimentos, com montantes que variam entre 200 mil e cinco milhões de meticais, incluindo a possibilidade de contratação em moeda estrangeira, com taxas de juro bonificadas.

Com este mecanismo, o banco espera reduzir as desigualdades de acesso ao crédito, ampliar as oportunidades de financiamento e conferir maior fôlego às Pequenas e Médias Empresas (PMEs) lideradas por mulheres em Moçambique.

“Queremos incentivar as mulheres a serem mais empreendedoras e, para quem já é, queremos apoiar para continuar”, vincou o CEO do Moza Banco.

O executivo destacou igualmente o compromisso do banco em participar activamente na transformação económica de Moçambique, alinhando a sua estratégia com as metas de industrialização e desenvolvimento sustentável do governo.

Segundo Soares, o banco tem investido fortemente em infraestruturas digitais, apostando em soluções como open banking para apoiar startups e pequenas empresas que carecem de suporte tecnológico adequado.

“Temos feito fortes investimentos nos últimos anos na nossa infraestrutura informática para trazer conceitos como open banking para poder apoiar pequenos startups a fornecerem da

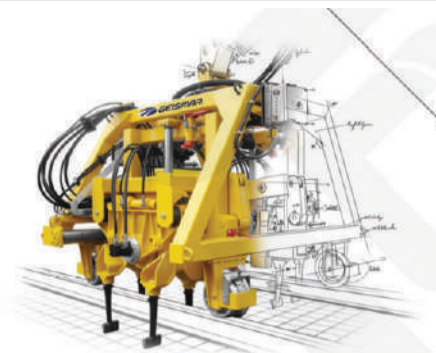
melhor forma os seus serviços no mercado. Muitas vezes, a empresa não tem capacidade de acesso a suporte tecnológico necessário”, frisou.

Soares acredita que a verdadeira inclusão financeira passa pela via digital, destacando o crescimento das carteiras móveis como peça central no acesso de milhões de moçambicanos ao sistema financeiro.

Além do lançamento da linha de crédito, o Moza Banco apresentou também a Academia “Pra Frente”, desenvolvida em parceria com a Fundação Dom Cabral, uma das mais prestigiadas escolas de negócios do mundo. O projecto irá formar gratuitamente milhares de empresários nacionais em áreas de gestão financeira e de recursos humanos, reforçando competências essenciais para a competitividade no mercado.

Ainda no mesmo evento, foi igualmente apresentado o Selo Famoza, um galardão atribuído às Pequenas e Médias Empresas que mais se destacaram na utilização dos canais do Moza Banco para alavancar o crescimento dos seus negócios.

Para Soares, estas iniciativas inserem-se num plano mais amplo de responsabilidade corporativa e de transformação do sector financeiro moçambicano, reforçando a presença do Moza Banco como parceiro de referência no fomento ao investimento privado, à inovação e à inclusão de género.



MODERN TECHNOLOGIES IN RAILWAYS AND OIL & GAS



- MANUTENÇÃO DE TUBAGEM, TANQUES E COMPONENTES MECÂNICOS, NA INDÚSTRIA DE PETRÓLEO E GAZ;
- MANUTENÇÃO DE TODO TIPO DE CARRIS NA INDÚSTRIA FERROVIÁRIA;
- TESTAGEM NÃO DESTRUTIVA (NDT).

SÃO AS NOSSAS ESPECIALIDADES E O NOSSO DIFERENCIAL

www.tatos.co.mz



Alta Tecnologia em NDT



FACIM 2025

APIEX garante que foram alcançados mais de 800 acordos de negócios no evento



O sector empresarial assinou um total de 811 acordos de negócios e investimentos durante a 60ª edição da Feira Internacional de Maputo (FACIM 2025), evento que registou ainda 1178 bolsas de contactos entre empresas nacionais e estrangeiras. O anúncio foi feito em conferência de imprensa, pelo porta-voz do evento na Agência para Promoção de Investimentos e Exportações (APIEX), Claire Zimba, entidade responsável pela organização do certame.

“Relativamente àquilo que são os acordos para negócios e investimentos, conseguimos assinalar 811 acordos. Isto é um bom número para nós”, afirmou o responsável, sublinhando que os resultados preliminares representam um crescimento de 1 ponto percentual em relação à edição de 2024.

O porta-voz destacou igualmente que a FACIM reforça a internacionalização das empresas moçambicanas, ao juntar “a oferta, a procura, o potencial de

investimento e as oportunidades de empreender no sector privado.”

De acordo com a APIEX, a feira contou com a participação de delegações de 28 países, mais de 2300 empresas expositoras e atraiu pelo menos 55 mil visitantes, confirmando-se como o maior espaço de negócios e de promoção económica de Moçambique.

O Governo destacou que várias empresas manifestaram interesse em investir em áreas estratégicas como o agro-negócio, energia e transformação digital, tendo ainda sido anunciados fundos para financiar iniciativas empreendedoras de jovens.

A edição deste ano foi marcada por fortes apelos das autoridades nacionais para a dinamização do ambiente de negócios. Na abertura oficial, a 25 de Agosto, o Presidente da República, Daniel Chapo, garantiu a adopção de políticas para reforçar a previsibilidade jurídica e combater a corrupção no

sector público e privado.

Já no encerramento, a primeira-ministra, Maria Benvinda Levi, defendeu a necessidade de canalizar investimentos para a criação de gado, de modo a melhorar a dieta alimentar da população e colocar Moçambique na rota do comércio internacional.

“Moçambique tem, realmente, muito potencial nesta área, e temos de investir”, afirmou a governante durante um leilão agro-pecuário realizado na feira.

Anualmente, a FACIM constitui uma montra das potencialidades económicas do País, promovendo oportunidades de negócio e investimentos em diferentes sectores, aliando-se a seminários, sessões de promoção e espaços de contacto empresarial, que consolidam a feira como plataforma estratégica de cooperação económica internacional.

Renovada parceria entre Vista Bank Moçambique e Centro Cultural Franco-Moçambicano

O Vista Bank Moçambique e Centro Cultural Franco-Moçambicano (CCFM) anunciaram em Julho passado a renovação da parceria e cooperação institucional que já dura mais de 7 anos. Esta colaboração reforça o compromisso de ambas as instituições em apoiar e promover os eventos culturais que o CCFM organiza ao longo do ano, contribuindo para o fortalecimento do panorama artístico e cultural moçambicano.

A assinatura do acordo foi feita por José-Maria Queirós, Director do CCFM, e Mathieu Konan, Director Executivo do Vista Bank Moçambique, num momento que simbolizou a continuidade de uma cooperação sólida e frutífera.

“No Vista Bank, acreditamos que apoiar tanto artistas nacionais como internacionais, assim como as artes modernas e contemporâneas, é essencial para o enriquecimento cultural da nossa sociedade. Temos orgulho em continuar esta parceria, que se alinha perfeitamente com os nossos pilares e a nossa contribuição para um futuro mais vibrante e culturalmente rico.” Refere uma publicação na página oficial do Vista Bank Moçambique.

Por sua vez, o CCFM manifestou alegria em renovar a parceria e o apoio financeiro disponibilizado pelo Vista. “Estamos muito satisfeitos com esta parceria, que tem sido fundamental para viabilizar e enriquecer as nossas actividades culturais, permitindo que artistas, criadores e o público beneficiem de espaços de expressão e diálogo cultural. O CCFM e o Vista Bank Moçambique partilham a visão de que a cultura é um pilar essencial para o desenvolvimento social e económico do país, e acreditamos que esta união continuará a inspirar e a potenciar o talento moçambicano.” Lê-se numa publicação na página oficial do CCFM na rede social facebook.



O Vista Bank Moçambique, agradeceu ao CCFM pela confiança e pelo trabalho conjunto ao longo dos anos,

tendo prometido continuar a celebrar a diversidade e a criatividade que Moçambique tem para oferecer.

PUBLICIDADE

INTERNET ILIMITADA

UM UNIVERSO DE POSSIBILIDADES

TERMOS E CONDIÇÕES APLICÁVEIS

DIGITA
*123#
NETGIRO (OPÇÃO 2)
E ESCOLHE ILIMITADO



ANUNCIE SEUS PRODUTOS E SERVIÇOS, AQUI A SUA MARCA CHEGA MAIS LONGE!



Ficha Técnica

Propriedade:

ACIS

Sede:

Bairro Palmeiras 1, Rua João de Barros nº 270 - Beira - Moçambique

Sucursal:

Bairro da Sommerschild, Rua António Simbine nº114 - Maputo

Contactos:

Telf: +258 82 2434188 | +258 822 434 164

+258 82 2434188

Email: acisadmin2@acismoz.com
aciscoms@acismoz.com

Presidente do Conselho de Gerência

Tomás Timbane

Redação e Edição:

Arnaldo Langa

Periodicidade:

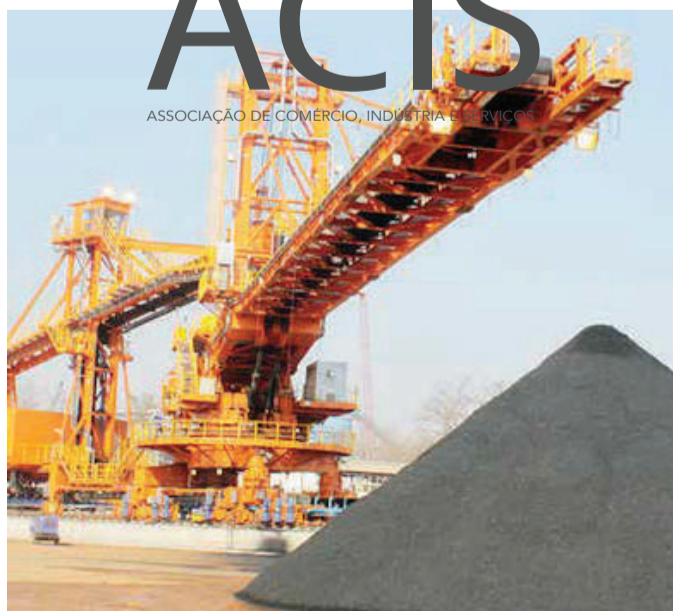
Mensal

Coordenação:

ACIS

Layout e Maquetização:

ALEX MATSINHE DESIGN E.I



PARCEIROS



member of MORAIS LEITÃO LEGAL CIRCLE





TABELA DE PUBLICIDADE NO BOLETIM INFORMATIVO VOZ DO EMPRESÁRIO

TAMANHO DA PÁGINA	LOCALIZAÇÃO DA PÁGINA	CUSTO (MT) POR EDIÇÃO
1	Página Par / Página Ímpar	8.000,00 / 6000,00
1/2	Página Par / Página Ímpar	5000,00 / 4000,00
1/4	Página Par / Página Ímpar	3500,00 / 3000,00
Rodapé	Página Par / Página Ímpar	2000,00 / 1500,00

Sede: Bairro Palmeiras 1, Rua João de Barros, nº270, Beira
Sucursal: Bairro da Sommerschild, Rua António Simbine, nº 114, 1º andar, Maputo
Website: www.acismoz.com

Tel: +258 82 243 4188 / +258 82 627 0600

Email: acisadmin2@acismoz.com
aciscoms@acismoz.com

PROMOVENDO E DESENVOLVENDO NEGÓCIOS

SOBRE ACIS

A Associação de Comércio, Indústria e Serviços (ACIS) é uma pessoa colectiva de direito privado, com fins não lucrativos, dotado de personalidade jurídica, autonomia administrativa, financeira e patrimonial. Fazem parte desta agremiação, pequenas, médias e grandes empresas dos ramos industrial, comercial e prestação de serviços, que operam no território nacional moçambicano, independentemente da sua origem.

MISSÃO

A missão da ACIS é promover, apoiar e proteger os interesses empresariais e de negócios dos seus membros, de forma particular e das empresas em geral que operam em Moçambique; Fornecer informações, suporte e treinamento para as empresas; lobby e advocacia em prol dos membros e do Sector privado em geral. Na sua actuação a ACIS pauta pelos princípios de boa Governação e Gestão Organizacional.

VISÃO

Um sector empresarial cada vez mais produtivo e competitivo, com contributos significativos para geração de emprego e riqueza e capaz dinamizar o processo de desenvolvimento económico e social do País.

ENDEREÇO / ADDRESS Bairro Palmeiras 1, Rua de Barros nº 270 - Beira - Moçambique
Sucursal: Bairro da Sommerchield, Rua António Simbine, n 114, Maputo
Moçambique

e-mail aciscoms@acismoz.com
acisadmin2@acismoz.com